

Introduction to Olavo de Carvalho's Work

Daniel Frederico Lins Leite

June 20, 2018

Contents

1	Introduction	5
1.1	Moral Basis for Philosophy	5
1.1.1	Sincerity	5
1.1.2	Love	5
1.1.3	Science	5
1.2	Idea versus Reality	5
1.2.1	Reality	5
1.2.2	Idea	5
1.3	Philosopher Maturity	6
1.3.1	Impression of Reality	6
1.3.2	Unification	6
1.3.3	Expression of Reality	6
2	Applications	7
2.1	Philosophy	7
2.1.1	Status Quo	7
2.1.2	History of the History of Philosophy	7
2.1.3	Greek Philosophy	7
2.1.4	Christian Philosophy	7
2.1.5	Muslim Philosophy	7
2.1.6	Modern Philosophy	7
2.1.7	Current Philosophy	7
2.2	Politics	7
2.2.1	Status Quo	7
2.2.2	Scientist versus Agent	7
2.2.3	Inversion of the Concepts	7
2.2.4	Inversion of the Evolution of the State	7
2.2.5	Conscience of Transcendent	9
2.2.6	Messianic Discourse	9
2.2.7	Revolutionary Mentality	9
2.3	Science	9
2.3.1	Status Quo	9
2.3.2	Inversion of Modern Cosmological Views	9

Chapter 1

Introduction

1.1 Moral Basis for Philosophy

1.1.1 Sincerity

1.1.2 Love

1.1.3 Science

1.2 Idea versus Reality

Como muita da educação hoje é o consumo das idéias já consolidadas, a maioria esmagadora dos estudiosos tomam as Idéias pelos conceitos reais. Ver aplicações políticas. [Ver a relação disto com o descarte do A História das Idéias Políticas do Eric Voegelin pela estrutura do Ordem e História.]

1.2.1 Reality

1.2.2 Idea

Do Facebook do Olavo

–”Mapa da ignorância” é um conjunto esquemático de interrogações pelo qual tomamos consciência daquilo que nos falta saber para compreender melhor aquilo que sabemos numa determinada fase da nossa evolução cognitiva. ”Horizonte de consciência” é o limite daquilo que compreendemos nessa fase. Um ”mapa da ignorância” pobre ou vazio assinala um horizonte de consciência fechado e incapaz de ampliar-se. Qualquer doutrina filosófica insinua automaticamente, pela sua própria existência, seu respectivo mapa da ignorância. O problema é: aos olhos de quem? Do próprio filósofo ou do seu leitor apenas? O filósofo está consciente dos problemas principais e imediatos que precisaria resolver para dar plena razão da sua doutrina, ou simplesmente a apresenta como auto-suficiente, como se o seu horizonte de consciência fosse o limite da consciência humana na sua época? Os problemas que uma filosofia sugere imediatamente ao leitor foram incorporados pelo filósofo no seu mapa da ignorância, ou fazem parte apenas da sua inconsciência?

Como princípio metodológico em psicologia – e excluindo provisoriamente a psicopatologia e a psicologia espiritual –, adotei a regra de que não posso explicar as condutas de ninguém por fatores gerais que não expliquem as minhas próprias, aí incluída a conduta de tentar explicá-las. Uma explicação que pretenda valer para todas as ações humanas tem de valer, também, para o ato de explicá-las. De Maquiavel a Michel Foucault, passando por Marx, Darwin, Nietzsche. Freud e não sei mais quantos, todos os belos explicadores do mundo ignoraram essa regra elementar incontornável.

Um método é um conjunto de proposições auto-evidentes (ou provadas com base nelas) que delimitam um objeto e os meios de conhecê-lo. O bom método não define o seu objeto, mas recebe essa definição de uma prévia descrição fenomenológica.

1.3 Philosopher Maturity

1.3.1 Impression of Reality

Senses

Limited Structure of the Reality

Kantism is not a philosophy. It's a practical joke. Kant had to be VERY stupid to not understand that our apprehending only the phenomenic appearances, and not the thing in itself, is not a limitation in us, but of the things in themselves. If he had noticed this, he would have realized that his theory DOES NOT MEAN ANYTHING. All modern science is based on a phenomenist metaphysics, in which there are no real beings, just measurable appearances. It is so because no real entity is exhausted on which a science, or all of them together, can say about it. Besides, each one only asks questions about the object that pertain to its own methodology and not about the ontological structure of the object itself. This structure remains outside the reach of each science in particular and cannot be reengineered by the mere articulation of a number of the sciences. The experience of REALITY is an anterior necessity for the possibility of any science, which they just complement with specific details. This same experience of reality remains outside of epistemological control of any science. No scientific explanation refers to the fact in itself, as small as it may be, and even less accounts for its causes. It just highlights the aspects of the fact that correspond to the methodological perspective of that science in particular. "Reality" is entirely out of all that. Ninety-nine point ninety-nine percent of science professionals ignore that this is how things are. Practicing any science without the constant critical examination of its epistemological pillars, and therefore of its own limitations, causes a state of hypnotic hallucination. In such a state the person denies the validity of his spontaneous perception of things - which is the foundation of any science - and substitutes it for some hypothetical system that gives him the impression of being scientific. Many scientists end up becoming like Felix, the Cat (<https://www.youtube.com/watch?v=amGbBFsiuzc>), living in a world drawn by themselves. When a science professor says there is no significant genetic differences between a monkey and a three-year-old, he imagines that this difference really does not exist, and not that it is his genetic perspective that is insufficient to apprehend it. Ultimately, the sciences

as they exist today are not meant to know the world, but to fabricate it as an industrialized product. Olavo de Carvalho

1.3.2 Unification

Reality Unification

Conscience Unification

12 layers of personality

As castas são tipos psicológicos e não classes sociais. Elas existem em toda sociedade, independentemente da estrutura de classes. Sempre foi assim e sempre será assim, exceto naquele dia de são nunca sonhado por Karl Marx, em que cada cidadão será operário ou lavrador de manhã, comerciante depois do almoço, guerreiro ao entardecer e filósofo de noite, sem contar umas composições musicais, uns quadros e esculturas, alguns feitos extraordinários de donjuanismo, além de uma pescaria, um torneio de xadrez e um joguinho de futebol de vez em quando.

Cognitive Parallax

1.3.3 Expression of Reality

4 modes of discourses

Poetic

Rhetoric

Dialectic

Logic

Chapter 2

Applications

2.1 Philosophy

2.1.1 Status Quo

2.1.2 History of the History of Philosophy

2.1.3 Greek Philosophy

2.1.4 Christian Philosophy

2.1.5 Muslim Philosophy

2.1.6 Modern Philosophy

2.1.7 Current Philosophy

2.2 Politics

2.2.1 Status Quo

2.2.2 Scientist versus Agent

2.2.3 Inversion of the Concepts

É muito comum, praticamente 100% dos estudiosos, tomam democracia, livre mercado, socialismo, parlamento etc... como conceitos básicos, como mônadas políticas, porém, o primeiro poder real que todo ser humano passa é o poder da mãe, depois do pai, irmãos, familiares, poder de pessoas/amigos mais fortes etc...

Há muitos princípios auto-evidentes que podem orientar uma boa previsão histórico-política. Dois deles: 1) A difusão dos fatos produz novos fatos. 2) Ninguém age onde não enxerga.

2.2.4 Inversion of the Evolution of the State

Aula 1 O que é Conceito O que é Símbolo Auto-explicativo Cinco Funções da Idéia 1 - Descrição da Realidade 2 - Símbolos Auto-Justificadores 3 - Influenciar

outras pessoas 4 - Influenciar a si próprio 5 - Transmitir ao outro uma imagem do que ele pensa que é

Centro da Ciência Política: Origem e Natureza das Justificações das Instituições de Poder que permitem a existência de uma sociedade

Teoria do Governo = Anglo-Saxão Teoria do Estado = Germânico Ciência Política = Francesa

Dizem que Maquiavel foi o primeiro a dar uma descrição da realidade, porém Maquiavel fez um projeto político e não um estudo científico do estado como ele o encontrou na realidade.

Aula 2 Estado não é um fenômeno primário Estado é um fenômeno secundário, uma modalidade

Fenômeno primário é reconhecido apenas por descrição

Rede de relações humanas se dá através da linguagem Início da sociedade humana é através da ordem dada. O tempo imperativo. O imperativo existe em todas as linguas. Animais não dão ordem.

Imperativo demanda uma relação temporal e espacial. Até mesmo um "por favor" é uma ordem.

Organização Social é um sistema de ordem que possui retorno garantido (obediência garantida). Ele estabelece a curva de tempo. Esta obediência necessita uma promessa de lealdade.

Esta ordem não pode ser dada na base da força apenas, ela necessita da lealdade. Para isso será necessário o fascínio.

A obediência não pode ser dada pela supremacia física pois esta é transitória. Autoridade surge do fascínio que tem que formar numa relação de mando.

Segundo Eric Voegelin a História da Ordem é a própria Ordem da História. A consciência é ela mais um dos fatos da realidade. Segundo Schelling, o homem não é só um observador, mas é parte do universo. Não posso me colocar de fora do universo para observá-lo. Participação Anamnética.

Aula 3 Camadas de Significado. Focar na experiência e não nas palavras. A experiência do Faraó e a interpretação moderna que se dá para as palavras/experiência do Faraó.

Por exemplo, o discurso do Faraó que o identificava como a própria divindade era na verdade um discurso ideológico. Ou como tentamos entender a ordem social do Faraó como uma forma de Estado. Quando na verdade deveríamos entender o Estado como uma ordem social.

Isso acontece muita vezes pois todos somos educados numa estrutura onde as disciplinas já estão separadas e organizadas de certo modo. E quando o aluno depois de muito esforço para dominar um ou mais campos já se ve preso dentro deste modelo.

Ordem Cosmológica Não havia de um lado o estado do Faraó montado e de outro uma série de mitos criados apenas para sua legitimização ideológica existência do Faraó ou do Estado.

2.2.5 Conscience of Transcendent

2.2.6 Messianic Discourse

2.2.7 Revolutionary Mentality

2.3 Science

2.3.1 Status Quo

2.3.2 Inversion of Modern Cosmological Views

Existe alguém, entre os luminares da esquerda nacional, especialmente na mídia, que esteja capacitado para discutir a teoria dos quatro discursos, o círculo de latência, a perspectiva rotatória, a psicologia espiritual, a fenomenologia do milagre, a teoria do império, a minha interpretação das filosofias de Maquiavel, René Descartes e Kant ou o método filosófico tal como o resumi em “A Filosofia e Seu Inverso?”, enfim, algo daquilo que se pode chamar de “filosofia do Olavo de Carvalho”? A resposta é um decidido NÃO.

Uma das teses principais da minha filosofia é que a vocação filosófica se realiza menos na busca das grandes verdades gerais do que na compreensão da experiência real ao nosso alcance, onde aquelas verdades aparecem como que em filigrana, mais insinuadas do que proclamadas. Tudo o que escrevi sobre a política ou sobre a sociedade brasileira são apenas exercícios destinados a ilustrar essa tese.

Fabio Florence Professor, bom dia. Gostaria de tirar uma dúvida sobre a “Filosofia Política” de Eric Weil. No último capítulo, o autor fala positivamente da ideia de Estado mundial. Na sua avaliação, ele defendia um projeto análogo ao da elite globalista ou pensava em algo bem diferente do que estamos vendo hoje? LikeShow more reactions · 8 · 8 hrs Manage Olavo de Carvalho Olavo de Carvalho Weil nunca entrou em detalhes sobre esse ponto, nem creio que formar projetos políticos fosse um dos seus objetivos. Apenas afirmou que o Estado Mundial era a conclusão lógica inevitável de toda a sua filosofia política. Essa filosofia, por sua vez, é uma longa e rigososa dedução a partir de princípios universais abstratos – precisamente o oposto do que penso que uma filosofia política deva ser.

O discurso da fé é sempre incompleto, semanticamente, porque aí não podemos ter o domínio cognitivo satisfatório dos objetos a que nos referimos. Eis por que nessa área é tão tentador cair no verbalismo vazio, nos chavões e na busca de efeitos fáceis. A única substância que podemos dar a esse discurso é a da nossa própria busca de Deus, a dos nossos próprios tormentos interiores, a da nossa própria insuficiência, esperando que Ele mesmo complete, de algum modo, um sentido que nos escapa.

Como nos ensina o Professor Olavo de Carvalho, o poder, no sentido mais amplo e geral, é possibilidade de ação; no sentido estritamente político é a possibilidade de determinar as ações alheias. Os meios que os homens possuem para determinar a ação alheia podem ser reduzidos a três e apenas três poderes: escolher, gerar e destruir; respectivamente, o poder da inteligência humana, o poder da riqueza e o poder da violência. Esses poderes são exercidos, cada um a seu modo, em duas direções: numa direção passiva e numa direção ativa.

Segundo o Professor, o poder passivo da violência reside na justiça. Tende a dispersar-se, a nivelar o poder, a tudo resolver por livre acordo, a desacelerar a ação.

Já o poder ativo da violência reside na milícia. Tende a concentrar-se, à hierarquia vertical, à disciplina rígida, a instaurar a obediência automática que produz a máxima eficiência e rapidez.

A justiça e, em última instância, a milícia são o fundamento da autoridade responsável pela manutenção da ordem social, podendo ser garantidos apenas pela capacidade efetiva de fazer uso legítimo da violência.

Diante dessa realidade inescapável, cabe a cada um de nós perguntar: (I) Quando a expressão passiva do poder responsável pela ordem social esgota seus recursos, qual é a única opção que nos resta? (II) Do mesmo modo, qual é a forma correta e mais inteligente de exercer esta opção para que ela não seja assimilada e voltada contra o próprio poder que a exerce, como em um golpe de judô?

Até respondermos essas perguntas só poderemos ter uma única certeza: a de que o poder real não está num prédio, num pedaço de papel, numa toga ou num fardamento, está na possibilidade de determinar as ações alheias – e neste momento o chefe do maior esquema de corrupção de um país está determinando as ações de toda uma nação, mantendo os destinos de milhões e milhões de pessoas ao alcance do impacto de sua sanha por uma quantidade ainda maior de poder.

Filosofia como unidade do conhecimento na unidade da consciência e vice-versa - Só a consciência individual é capaz de conhecimento - Atos sem testemunhas - Definição de psique - A autoconsciência (consciência da consciência) como fundamento da moral - Conceito de Inteligência e verdade - Os graus de Certeza - Trauma de emergência da razão - Teoria dos patamares de consciência - Teoria das doze camadas da personalidade - Princípio de autoria - Método da confissão (método anamnético) - Teoria dos Quatro Discursos - Fundamentos metafísicos dos gêneros literários - Astrocaracteriologia - O princípio do conhecimento por presença - Intuicionismo radical - Teoria da tripla intuição fundamental - Paralaxe cognitiva - Mentalidade revolucionária - Teoria política - Teoria do Império - Conceito de Sujeito da História - Técnica filosófica (Anamnese, Meditação, Exame dialético, Pesquisa histórico-filológica, Hermenêutica, Exame de consciência e Técnica expressiva) - Elementos de Estudo de religião comparada - Conceito de Contemplação Amorosa - Teoria reformada das castas - A natureza e formas do poder - Conceito de proposição auto-evidente (univocidade) - Crítica Cultural - Educação Liberal <https://www.facebook.com/flavio.lindolfo.cof/posts/212555>

O objeto da religião cristã não são verdades gerais teóricas, mas fatos concretos da ordem real, dos quais alguns já sucederam no tempo histórico desde o nascimento de Nosso Senhor até hoje, outros abrangem e transcendem o suceder temporal e outros destinam-se a suceder num futuro anunciado pela profecia. Dito de outro modo, não se trata de verdades formais, e sim materiais. Esta distinção deve ser enfatizada sobretudo no que diz respeito às verdades atemporais, extratemporais ou supratemporais, que tão frequentemente (por efeito da confusão entre a ordem do ser e a ordem do conhecer) se deixam tomar como verdades puramente formais a exemplo das verdades lógicas e matemáticas. É que estas refletem apenas a estrutura da possibilidade e são indiferentes ao suceder (ou não-suceder) real, ao passo que as verdades atemporais da religião não são desse tipo, não são meras relações entre conjuntos de possibilidades

e sim FATOS QUE ACONTECEM O TEMPO TODO, sem descontinuidade, transcendendo o suceder temporal não porque lhe sejam indiferentes (como $2 + 2 = 4$) e sim porque são constantes e continuados como a existência mesma, <https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10156363216842192>